

Crise institucional: os sem religião de religiosidade própria

Rafael Lopez Villasenor¹ PUC-SP

RESUMO: Sabemos que as três principais mudanças que caracterizam o campo religioso brasileiro: a diminuição percentual de católicos, o crescimento dos evangélicos e o aumento dos sem religião. Sobre os dois primeiros aspectos muito se tem escrito e pesquisado, sobre o terceiro bem menos. De fato, ainda pouco se sabe e pouco se tem pesquisado sobre quem são os brasileiros “sem religião” que adentram o século XXI. O texto aborda as transformações religiosas brasileiras e a crise de pertença institucional a partir do subjetivismo religioso dos sem religião ou sem instituição. Esta realidade não é unívoca nem definitiva, mas leva a buscar um novo sentido da vida e novas formas de relacionamento com o transcendente.

PALAVRAS CHAVES: Sem religião, subjetividade, mobilidade, instituição.

Institutional crisis: the nonreligious with their own religiousness

ABSTRACT: It is known that the three major changes that characterize the Brazilian religious field are: the percentage decrease of Catholics, the growth of evangelicals and the increase of nonreligious people. Much has been written and researched on the first two aspects, but less about the third. In fact, little is known and little has been studied about the Brazilian “nonreligious” of the 21th century. This article addresses the Brazilian religious changes and the crisis of institutional belonging from the perspective of the religious subjectivism of the nonreligious or noninstitutional. This reality is not univocal nor definitive, but leads to seeking a new sense of life and new forms of relationship with the transcendent.

KEYWORDS: Nonreligious, subjectivism, mobility, institution.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP.

Observamos na realidade brasileira um crescimento de ofertas religiosas, o que tem levado para uma filiação e desfiliação das instituições religiosas. Tanto o movimento de adesão a uma religião ou igreja, quanto o abandono, ficando sem religião, são fruto da desinstitucionalização e da relativização do papel soberano da religião na vida de cada indivíduo. Vivemos um momento de mudança religiosa que constitui um autêntico desafio para as religiões e igrejas. A religião que era o monopólio das instituições começa a deambular por todos os caminhos da sociedade.

Este trabalho tem como objeto de estudo abordar as transformações religiosas brasileiras e a crise de pertença institucional a partir do subjetivismo religioso dos sem religião. Para conseguir nossa meta o texto é dividido em três partes. Primeiro abordamos as mudanças religiosas no Brasil, usando os dados dos institutos de pesquisa, a qual é caracterizada pela diminuição percentual de católicos, o crescimento dos evangélicos e o aumento dos sem religião. Na segunda parte vemos o subjetivismo e individualismo religioso como fruto da modernidade, ou melhor, ainda, da pós-modernidade. Finalmente, tentamos entender os sem religião, que geralmente tem uma religiosidade própria, sem vínculo institucional.

1. **Desinstitucionalização e ventos seculares**

Houve um tempo em que os descrentes, sem amor a Deus e sem religião, eram raros. Todos eram educados para ver e ouvir as coisas do mundo religioso e a conversa cotidiana confirmava que este é um universo encantado que esconde e revela um poder espiritual. A exigência de um sentido para a vida trazia às religiões certa identidade e lhes dava vida. (ALVES, 2008: 9). Consequentemente, durante muitos séculos a religião esteve na vida cotidiana e no centro da existência humana. Os sinais religiosos ditavam o ritmo do tempo. As festas religiosas regulavam os ciclos da vida dos indivíduos e da coletividade (Cf. HERVIEU-LÉGER, 2008: 15). O mundo religioso era um mundo encantado. Apesar de o encanto ter sido quebrado, a religião não desapareceu. Porém, houve um processo de mudança chamado de secularização, na qual as pessoas abandonaram as instituições religiosas, ou estas não foram mais referência religiosa, consequentemente os indivíduos apresentaram diferentes atitudes e relações com o transcendente, com a idéia de Deus. As crenças passaram há não ser mais herdadas e transmitidas de uma geração para outra. Em muitos casos a religião como instituição

deixou de dar aos indivíduos e grupos o conjunto de referências, normas, valores e símbolos que deram sentido à vida e a existência.

Segundo Mircea Eliade (2001, 165:166), indivíduo a-religioso, em estado puro é um fato muito raro, mesmo nas sociedades modernas vistas como dessacralizadas. A maioria dos sem religião, possui comportamentos religiosos, embora não tenha consciência do fato. Para o homem moderno que se sente a-religioso ainda carrega toda uma mitologia camuflada em ritualismos. Os sem religião não estão livres de comportamentos religiosos, das mitologias degradadas e, por sua vez, dificilmente reconhecíveis. Embora, os sem religião sejam o resultado de um processo de dessacralização, mas que ainda possuem comportamentos religiosos, mas, às vezes sem consciência do fato, que reencontram nas pequenas religiões, movimentos ou nos misticismos políticos os comportamentos religiosos o que mostra uma ambivalência.

Dentro das transformações religiosas do Brasil o grupo sem religião teve um ritmo de crescimento de 0,8% em 1970 para 7,4% da população nacional em 2000. Este grupo é o que mais cresceu nos últimos anos, segundo dados dos censos de 1991 e de 2000, que passou de 4,8% para 7,3% respectivamente ou de 7 milhões para 12,5 milhões². De acordo com o censo demográfico de 2000, constata-se que a desvinculação institucional dos jovens é uma tendência no Brasil. Entre os que se declaram sem religião o seguimento compreendido pelos jovens de 15 a 19 anos constitui o segundo maior universo atingindo 12,73%. O segmento que reúne o maior número é representado pelos adultos de 30 a 39 anos que atinge 14,56% (FERNANDES, 2009: 408). Para Regina Novaes (2004) os jovens na faixa de 18 a 20 anos são os que predominantemente se declaram ateus ou agnósticos.

Não ter religião oficialmente no Brasil não significa ser ateu³ ou arreligioso, mas pessoas que abandonaram a instituição religiosa e às vezes acabaram criando um

² O censo de 2000, mostra que a religiosidade aumenta conforme a idade. Em 2000, 7,4% dos brasileiros se declararam sem religião, porém, no grupo de idade de 55 a 64 anos, essa proporção caiu para 4,4% e entre os que tinham 65 anos ou mais de idade, chegou a 3,7%. Os católicos apostólicos romanos que representavam 73,6% de toda a população brasileira, chegavam a 77,5% na faixa etária mais avançada.

³ Na França como no Brasil ser “sem religião”, não é necessariamente sinônimo de “ateu”. Segundo a pesquisa francesa de 1999, 23% dos “sem religião” neste país crêem em Deus, 26% crêem em uma “espécie de espírito ou força vital”, 26% acreditam na vida após morte, 12% no paraíso, 7% no inferno, 15% no pecado, 23% na reencarnação. Consideram as cerimônias religiosas importantes nos casos de nascimento (33%), casamento (39%) e morte (46%). Quanto às crenças paralelas (amuletos, videntes, curandeiros, astrólogos), a pesquisa revela que se 49% os rejeitam, 33% hesitam e 18 % acreditam. As crenças tradicionais, tanto quanto as paralelas, são muito mais difundidas entre os jovens, onde se desenvolvem há uns dez anos. Por outro lado, em diferentes graus de intensidade, segundo sua crença, os “sem religião” afirmam ser mais abertos em matéria de sexualidade, mas reservados em relação à pena de morte, mais intransigentes em matéria de laicidade, mais confiantes na ciência. Posicionam-se

sincretismo religioso de acordo com as necessidades subjetivas. Neste sentido Vattimo (1998: 17-18) afirmou que:

Hoje não existem razões filosóficas plausíveis e fortes para ser-se ateu, ou recusar a religião. O racionalismo ateu assumira, de fato, duas formas na modernidade: a crença na verdade exclusiva da ciência experimental da natureza e a fé no desenvolvimento da história como pressuposto da plena emancipação do homem em relação a qualquer autoridade transcendente. (...) hoje tanto a crença na verdade “objetiva” das ciências experimentais, como a fé no progresso da razão com vista a um pleno esclarecimento, surgem precisamente, como crenças superadas.

Pesquisa feita pela FOLHA de São Paulo (2007), por motivo da visita do papa Bento XVI ao Brasil, constata que 97% dos entrevistados, declaram acreditar totalmente que Deus existe. Esses dados mostram que os sem religião, parecem ser pessoas que abandonaram apenas a instituição religiosa; são não-praticantes com jeito próprio de viver a fé, ou seja, adotaram valores sagrados presentes em várias religiões ou em filosofias de vida, criando um sincretismo subjetivo próprio, desvinculado de qualquer igreja ou credo religioso. Conseqüentemente ser religioso, sem religião, significa consumir bens religiosos sem as clássicas mediações institucionais como um estado provisório ou como uma alternativa de vida e de expressão cultural, o que aparece claramente como ambivalente. Para a pesquisa do CERIS (Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais), a falta de tempo de freqüentar Igrejas foi a justificativa de 23,2% dos informantes que se declaram ser religião. O que leva a crer que os sem religião se encontrarem tempo estão abertos, em tese à possibilidade de poder voltar e seguir alguma igreja, denominação ou instituição religiosa e conseqüentemente a uma identidade religiosa. Mesmo que permanecendo vinculado a alguma religião, que tradicionalmente herdou no berço materno, a tendência religiosa da pós-modernidade é o trânsito religioso.

. Para Regina Fernandes (2009: 417), são raros os casos de pessoas que se declaram sem religião desde o nascimento, o que revela que alteração da condição de pertença religiosa para uma não pertença, pode estar relacionada ao fato de não terem pratica constante ou fixa em nenhuma instituição religiosa. Os indivíduos, ao se desvincularem do seu antigo credo, não transitam de forma imediata para outro, ficando durante algum tempo experimentando algumas opções de pertença, até se fixarem ou

nitidamente à esquerda dos católicos. <http://diplo.uol.com.br/2001-09,a53> Acesso: 06 de dezembro de 2009.

não a uma única denominação ou igreja. A pessoa era católica, se converteu a uma denominação evangélica, mas não conseguiu seguir a denominação, e não irá voltar para o grupo católico depois de se converter ao evangélico, e acaba ficando sem religião. Quando se tem essas desconversões dentro dos grupos evangélicos, se pode engrossar a categoria dos sem religião. A segunda é que, em um ambiente em que a unidade religiosa foi quebrada, diante das possibilidades de pertencimentos religiosos múltiplos, o indivíduo sente-se livre para relativizar os discursos das diversas religiões em oferta, passando a “*bricolar*” vários preceitos religiosos, expressando assim uma religiosidade própria (RODRIGUES & SOUZA JÚNIOR, 2009:8). O sujeito não se fixa a obrigações institucionais, organizando-se a partir de uma religiosidade interna, uma necessidade de conhecimento interior.

No Brasil, simultaneamente, tem surgido por todas as partes uma pluralidade de ofertas religiosas que fazem parte de uma sociedade plural laica secularizada. Isso, é um fato notável, no censo de 2000, e nas diversas pesquisas, mostraram que as Igrejas pentecostais crescem e ganham vitalidade, espaços e adeptos, enquanto a Igreja Católica e outras Igrejas históricas sofrem diminuição de fiéis, assim como o aumento dos sem religião. A atração pelo religioso não desapareceu, foi metamorfoseada; cada indivíduo toma a liberdade de construir uma espécie de religião privada, livre de toda restrição institucional. Trata-se de uma fé mais nômade imprecisa, que representa a dimensão mais livre da liberdade, que não está necessariamente orientada para a transcendência. A busca espiritual de muita gente fica reduzida a uma imigração de si mesmo (CARMO, 2010: 19). O indivíduo circula, experimenta e migra entre as diversas religiões e igrejas em busca do transcendente.

O grupo pentecostal tem um crescimento contínuo, embora mais acentuado nos últimos anos, isso pode nos levar a acreditar que o aumento da oferta de bens religiosos dentro da variedade do mercado religioso pode ter despertado o interesse dos indivíduos pela experimentação de novas práticas e produtos, entre as quais, aqueles oferecidos pelas igrejas pentecostais, com suas estratégias acirradas de conversão. E se, paralelamente à propagação das chamadas igrejas evangélicas pentecostais, encontramos o aumento significativo de pessoas sem religião, isso pode indicar, que o encolhimento dos católicos pode estar atrelado simultaneamente aos processos: de “conversão de evangélicos e desconversão de católicos e evangélicos, produzindo indivíduos sem religião”. É preciso, contudo, ponderar se esse processo de desconversão ou abandono da instituição religiosa, que é de curta ou de longa duração,

constituindo um número solidificado dentro de uma seqüência de resultados de recenseamentos ou, ainda, uma situação de trânsito permanente (RODRIGUES & SOUZA JÚNIOR, 2009:9).

As instituições religiosas na pós-modernidade perderam espaço na sociedade, que até alguns anos, podiam propor um conjunto de exigências relativas à fé e aos comportamentos, esperando uma aceitação social imediata. Nas sociedades contemporâneas, os indivíduos decidem livremente a respeito do tipo de religião a se adotar, ou escolhem ficar sem religião; o que as organizações religiosas oferecem tem que ser atrativo para os potenciais consumidores. Poucas pessoas estão na religião atual por ser essa a dos pais, houve uma passagem da herança religiosa ou tradição para a religião como opção pessoal de vida e a fé como escolha do indivíduo. A religião sofre o impacto da nova mentalidade pós-moderna. “Ela deixa de ser dominada pela tradição de um povo ou de uma comunidade para se tornar objeto de escolhas e gosto do indivíduo” (ANTONIAZZI, 2004:260). Esse pluralismo religioso, que atinge a sociedade brasileira, evidentemente gerou uma crise da identidade religiosa, pois, há de se admitir, reina certa dúvida e, em alguns casos, confusão entre os católicos. Os sem religião podem ser pensados como expressões locais de um global “espírito da época” no qual se expande o fenômeno de adesão simultânea a sistemas diversos de crenças, combinam-se práticas ocidentais e orientais, não apenas no nível religioso, mas também terapêutico e medicinal (NOVAES, 2004).

A pessoa ao se declarar sem religião parece indicar claramente, uma “desinstitucionalização” da religião ou crise de pertença religiosa, a emergência da chamada “religião invisível” com pouca ou nenhuma prática exterior, conseqüentemente ser “com religião” seria pertencer e participar das atividades de uma instituição religiosa. O indivíduo sem religião, não adere mais a uma religião institucionalizada, mas não deixa de acreditar em Deus e de rezar, ocasionalmente. Os indivíduos se afastam das instituições religiosas não quer necessariamente das práticas religiosas. Em vez de pensarmos que foram os indivíduos que deixaram as instituições, pode-se perguntar se não foram as instituições que abandonaram os indivíduos.

O aumento dos que recusam a adesão a qualquer instituição religiosa pode levar para a atração por práticas esotéricas, independentes de qualquer tipo de instituição religiosa. As pessoas sem religião residem mais nas periferias das grandes cidades e são

principalmente do sexo masculino⁴. Trata-se de populações de nível socioeconômico baixo, se encontram nas mesmas áreas em que se localizam os pentecostais. De fato, as pessoas pobres e marginalizadas se constituem no alvo principal do proselitismo pentecostal. (Cf. JACOB, 2003:115-116). Quando se observa também o mapa do censo se vê que os sem religião não crescem somente nas áreas mais abastardas, de maior poder aquisitivo, mas também nas áreas periféricas, de menor poder aquisitivo. Nas áreas periféricas, é onde estão concentrados, também, os grupos evangélicos, e isso leva a pensar que a maioria dos sem religião que estão nessas áreas periféricas são desconvertidos, que abandonaram alguma denominação pentecostal⁵.

Entendemos que a pós-modernidade produziu um tipo de mentalidade secular que toca na base das identidades e sistemas de sentido individuais. Tanto o movimento de adesão a uma religião quanto o de abandono são acalentados por essa mentalidade na qual o que prevalece é a relativização do papel soberano da religião na vida de cada indivíduo. Assim, vivemos uma época de “religiosidade confrontada” exatamente porque a liberdade religiosa irá abrir o leque das ofertas, mas também do questionamento, das críticas e do confronto com os sistemas estabelecidos. Existem “claros fenômenos de dessecularização” (MARTELLI, 1995: 412). Entre esses fenômenos de dessecularização, o exemplo citado, é a proliferação de formas de vida religiosa que a sociológica chama de Novos Movimentos Religiosos, essa multiplicidade crescente de manifestações e formações religiosas extra-institucionais e para-instrucionais que têm surgido e proliferado.

2. Subjetivismo e individualismo religioso

O sentimento de “bem estar” “tocar o coração”, produzir o apelo de tipo emocional, determinam a escolha do grupo religioso, e ainda a aproximação com Deus, são as principais motivações para mudar de religião ou para fazer um sincretismo religioso. Constata-se que todas as religiões recebem fiéis de todas as outras, embora não na mesma proporção. Apesar das Igrejas Evangélicas pentecostais parecerem ser as

⁴ No caso da periferia de São Paulo o grupo que mais cresce é dos evangélicos pentecostais; no censo do ano 2000, eram aproximadamente 1,7 milhões de pessoas, superior a 15% da população.

⁵ A Cidade Tiradentes, periferia da zona leste é o distrito mais pentecostal do município de São Paulo; aproximadamente 22 % da população, acima da porcentagem do Brasil e da Cidade de São Paulo, consequentemente, têm a menor população católica do município com apenas 55,57%, e a maior faixa dos sem religião com 14,13 % da população. (Cf. FOLHA DE S PAULO – COTIDIANO, São Paulo, domingo, 14 de dezembro de 2003, p 8).

que mais recebem adeptos e o catolicismo o que mais cede, todavia, existe um pequeno movimento de ingresso no catolicismo⁶. Estes fiéis podem ter transitado por denominações evangélicas e acabar retornando ao catolicismo, ou ficando sem religião, talvez, foram antigos católicos em algum momento de suas vidas. O indivíduo, muitas vezes, foi batizado no catolicismo e é atravessado por um mundo plural⁷.

A opção religiosa está relacionada com experiência sentimental, individual e subjetiva, desligada da comunidade e da realidade. O importante é se sentir bem no grupo religioso. Os diferentes dados mostram que há situações em que não existe identificação com a religião que se professava e acaba mudando ou abandonando tudo. Evidenciamos que cada vez mais as pessoas procuram a religião para atender a necessidades de consumo pessoal. Muda-se de religião, de igreja, ou se fica sem religião de acordo com o estado de animo. As motivações para a desfiliação e trânsito religioso são de ordem pessoal. A tradição e doutrina perdem o peso na escolha. Sentem-se livres para abraçar a religião com a qual mais se identificam sem o temor de romper com a tradição. A religião é um bem privado! Mudar de religião e igreja ou ficar sem nenhuma, faz bem! Para Danièle Hervieu-Leger (2008:109), o indivíduo muda de religião, seja porque rejeita expressamente uma identidade religiosamente herdada e assumida para adotar outra nova; seja por que abandona uma identidade religiosa imposta, mas à qual nunca havia aderido, para adotar uma nova.

Atualmente, revela-se o pluralismo religioso, em que se rompem os monopólios religiosos, de um único cosmos sagrado e se implanta o regime de concorrência entre os diversos agentes religiosos (Cf. MARTELLI: 1985:290s). Cada religião como instituição deve-se lançar no “mercado religioso” como uma entre outras, usando as operações da economia de mercado, adaptando-se às demandas e, assim, tendo mesmo que modificar, no limite, certos traços seus até então intocados (BERGER: 1985: 151-158). O indivíduo procura a legitimação de sua fé, dentro de si mesmo. É o seu sentimento subjetivo que decide. Neste sentido, não há mais procura da instituição religiosa, embora possa haver busca de experiências religiosas diversas, procuradas e

⁶ A pesquisa do CERIS apresenta que 26,9% das pessoas que antes pertenceram a algum ramo do protestantismo histórico, hoje se declaram católicas. Também 18,7% de pessoas que pertenceram a alguma Igreja pentecostal migraram para o catolicismo (PITTA & FEERNANDES 2006:25).

Segundo o censo de 2000 do IBGE, 62 % dos pentecostais nem sempre pertenceram a essa religião: 45 % vieram do catolicismo, 11 % não tinham religião e 6 % vieram de outras denominações do próprio protestantismo.

⁷ Segundo o censo de 2000 do IBGE, 62 % dos pentecostais nem sempre pertenceram a essa religião: 45 % vieram do catolicismo, 11 % não tinham religião e 6 % vieram de outras denominações do próprio protestantismo

adquiridas no mundo religioso como se este fosse um supermercado em que o cliente escolhe o que quer, e compra produtos de diversas marcas.

3. Ao final, quem são os sem religião?

De acordo com Regina Fernandes (Cf. 2006:107-118), no Brasil encontramos quatro tipos de indivíduos sem religião: religiosidade própria, desvinculados e descrentes, críticos das religiões e/ou ateus.

O primeiro tipo, são os sem religião de “*religiosidade própria*”, são aqueles que moldam a sua própria religiosidade apropriando-se de elementos e fragmentos vindos de diversos sistemas religiosos. A pesquisa do CERIS⁸ sobre mobilidade religiosa constatou que dentre os que se declaram sem religião 41,4 % justificaram sua identidade por possuírem “uma religiosidade própria, sem vínculos com Igrejas”. Os dados mostraram que nem sempre a religiosidade inclui elementos re religiões orientais, ainda que estejam presentes. Em muitos casos explica-se uma combinação de símbolos e práticas exclusivamente cristãos, fato que reforça a crise de pertença às instituições religiosas (FERNANDES, 2009:352).

A crença não desaparece, ela se desdobra e se diversifica⁹. Muitos dos que se declaram sem religião tem uma autonomia estratégica para circular livremente por várias tradições religiosas sem necessidade de vincular-se alguma delas (FERNANDES, 2009: 417). Trata-se de um jeito de ser e de lidar com a experiência religiosa e transcendente de maneira sincrética. A pessoa cria novas formas de crer, que ao mesmo tempo em que questiona as religiões, se fundam sobre as diferentes tradições, de acordo com as necessidades subjetivas independente de instituição religiosa ou igreja. Trata-se de um afastamento, mas não necessariamente de uma ruptura. Ao existir uma oferta religiosa mais diversificada, existem mais opções e criam-se cada vez mais numerosos desencaixados de todo e qualquer autoridade religiosamente constituída.

Um segundo tipo de sem religião, são os “*desvinculados e descrentes*”. Esses indivíduos tanto podem ser agnósticos, quanto crentes apenas em Deus, mas sem crença

⁸ O CERIS em 2002 desenvolveu em seis regiões metropolitanas Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife (FERNANDES, 2009:19).

⁹ Pesquisa realizada em Recife pelo CERIS mostrou que dentro os participantes das camadas médias de centros holísticos, 41% consideram-se católicos e 24,1% sem religião. Há, portanto uma adesão a terapias alternativas por parte de indivíduos de diferentes tipos de vinculação religiosa. Alguns desses centros conjugavam inevitavelmente práticas religiosas, espirituais ou terapêuticas (FERNANDES, 2009: 352).

em outros símbolos e doutrinas religiosas. Talvez, o motivo principal seja fruto de algum desencanto ou decepção com uma ou mais instituições religiosas precedentes. O desencantamento que desvincula o sujeito da instituição religiosa e o torna cético em relação às crenças religiosas, pode ocorrer após sucessivas experiências de mobilidade nas quais a instituição religiosas não ofereceu à busca. São pessoas que tem uma livre crença em Deus e não vinculação institucional. Segundo pesquisa do CERIS, as justificativas para ficar sem religião são: a falta de tempo de freqüentar Igrejas, a discordância de preceitos religiosos, a descrença em rituais, o desencanto com a ideia de Deus, o estudo ou uma visão mais racionalizaste a partir do conhecimento adquirido, a perda de interesse por questões religiosas em si (FERNANDES, 2009: 354). O desligamento institucional, acima dito, poderia ser traduzido como ausência de motivação ou como falta de prioridade religiosa. Para Stefano Martelli (1995: 271) “Emigração interna, urbanização e industrialização eram apontadas como pré-condições sociais, que levaram ao abandono da prática religiosa”.

O terceiro tipo são os sem religião “*críticos das religiões*”, aqueles que pensam a religião como alienante com base na teoria filosófica leninista-marxista: “A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. A religião é o ópio do povo”. Homem religioso seria alienado e perderia o controle da própria vida, deixando-se guiar pelos preceitos religiosos que lhe roubariam a autonomia. Este tipo tem uma mentalidade mais racional que levou abandonar determinada religião e a elaboração de uma crítica radical em relação à mesma. Por tanto muitas vezes as religiões podem ser demonizadas por acreditar que elas fazem um uso instrumental e utilitarista de questões relacionadas com o transcendente. A “crise de credibilidade na religião é uma das formas mais evidentes do efeito da secularização para o homem comum” (BERGER, 1985: 139).

Finalmente, estão os “*ateus, sem religião*¹⁰”, que tem uma posição ideológica em relação à crença em deuses. No Brasil, representam minoria, apenas um por cento, de acordo com as estatísticas das diferentes pesquisas, seriam os sem Deus e sem religião. A maioria adapta as teorias marxistas, argumentando que a religião é o “ópio do povo”

¹⁰ Hoje, cerca de 2,3 % da população mundial descreve-se como ateu, enquanto 11,9 % descreve-se como não-teístas. Entre 64% e 65% dos japoneses e 48% dos russos descrevem-se como ateus, agnósticos, ou não-crentes. A Europa é a região do planeta em que a descrença absoluta ou relativa em deuses é mais disseminada, sendo posição majoritária em diversos países deste continente. Entretanto, a percentagem destas pessoas em estados membros da União Europeia varia entre 6% (Itália) a 85% (Suécia). Por outro lado a África, o Oriente Médio e o Sudeste Asiático são as regiões com menor incidência de ateístas. <http://pt.wikipedia.org/wiki/> Acesso 22.09.2010.

(Cf. FERNANDES, 2009: 411). As visões de mundo permanecem firmemente ancoradas em certezas subjetivas, enquanto são sustentadas por consistentes e contínuas estruturas de plausibilidade. Assim vem a pergunta: ser sem religião e sem Deus é uma identidade que se formou pela rasura na imagem de Deus? Ou pelo excesso da auto-imagem humana? Ambas são perguntas a ser pesquisadas pela teologia e sociologia.

4. Considerações Finais

Buscamos compreender neste ensaio, o fenômeno dos sem religião dentro das mudanças religiosas no Brasil. Vimos os dados dos censos e das diferentes fontes de pesquisa que mostram o aumento dos sem religião e das igrejas pentecostais e como consequência a diminuição dos católicos. Os sem religião, na pós-modernidade, mostram a existência de uma crise institucional, no sentido que se continua acreditando na transcendência, mas sem ligações com a instituição. O desligamento institucional, acima dito, poderia ser traduzido como ausência de motivação ou como falta de prioridade religiosa.

Na sociedade pós-moderna diante do mercado religioso, os indivíduos decidem livremente a respeito do tipo de religião a se adotar, ou ficar sem religião; o que as organizações religiosas oferecem tem que ser muito atrativo para os potenciais consumidores. A religião deixou de ser herança, poucas pessoas ficam na religião por ser a dos pais, houve a passagem da herança religiosa ou tradição, para a religião como opção pessoal de vida e a fé como escolha do indivíduo. A religião sofre o impacto da nova mentalidade pós-moderna. Ela deixa de ser dominada pela tradição de um povo ou de uma comunidade para se tornar objeto de escolhas e gosto do indivíduo.

A hipótese provável para o surgimento do grupo dos sem religião é que os sem religião, que aconteceu paralelamente ao crescimento pentecostal, possam ser constituídos, principalmente, embora não exclusivamente, por ex-católicos em trânsito para o próprio pentecostalismo, ex-pentecostais ou, ainda, indivíduos de outras religiões que não estão dispostos a retornar à religião anterior ou aderir a alguma outra.

BIBLIOGRAFIA

ANTONIAZZI, Alberto (2004) *Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?* São Paulo: Paulus.

ALVES, Rubem (2008), *O que é religião?* São Paulo: Loyola.

BERGER, Peter (1985). *O dossel sagrado*. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus.

CARMO, Solange Maria do (2010). Desafios da catequese no cenário da pós-modernidade. In *Vida Pastoral*, ano 51, n. 272. São Paulo, Paulus. Maio-junho de 2010. P. 16-23.

CERIS. Mobilidade Religiosa no Brasil (2004): http://www.ceris.org.br/download/MobReligiosaBrasil_2004.pdf. Acesso 23/03/2007.

ELIDADE, Mircea (2001), *O sagrado e o profano, a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes.

FERNANDES, Silvia Regina Alves (2009). *Novas formas de crer: católicos, evangélicos e sem religião nas cidades*. São Paulo: CERIS-Promocat.

----- (2006) Sem religião: a identidade pela falta? In FERNANDES, Silvia Regina Alves (org.). *Mudança de religião no Brasil – desenvolvendo sentidos e motivações*. São Paulo: Palavra e Prece. p 107-118.

FOLHA DE S. PAULO, *A encruzilhada da fé*. Caderno mais!19/05/2002

----- *Religião*. Caderno Especial. 06/05/2007.

GUERRIERO, Silas (2004) A visibilidade das novas religiões no Brasil In: MUNIZ, Beatriz de & MARTINHO, Luiz Mauro Sá (ORG) *Sociologia da religião e mudança social*. São Paulo: Paulus. p 157-173.

JACOB, César Romero (org) (2003). *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais do Brasil*. São Paulo: Loyola.

MARTELLI, Stefano (1995). *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas.

NOVAES, Regina (2004). Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. *Estudos Avançados*. Vol. 18, n. 52 São Paulo, Setembro-Dezembro 2004.

RODRIGUES, Denise dos Santos (2007). Religiosos Sem Igreja: Um Mergulho na Categoria Censitária dos Sem Religião. http://www.pucsp.br/rever/rv4_2007/t_rodrigues.htm Acesso 24.10.2009.

RODRIGUES, Denise dos Santos & SOUZA JÚNIOR Paulo Graciano (2009). *Diversidade religiosa no território brasileiro: um estudo comparativo sobre a resistência e o declínio dos católicos em dois estados brasileiros* Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Prepared for delivery at the 2009 Congress of the Latin American Studies Association, Rio de Janeiro, Brazil June 11-14, 2009.

VATTIMO, Gianni (1998) *Acreditar em Acreditar*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

SITES

<http://www.diplo.uol.com.br/2001-09,a53> Acesso: 06 de dezembro de 2009.

<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?> Acesso 21.05.2010.

<http://pt.wikipedia.org/> Acesso 20.06.2010.